



O processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos e as contribuições midiáticas

Adauto Luiz Carrino¹
José Alex Trajano dos Santos²

Resumo: A alfabetização se constitui como um dos processos de maior valor emancipatório, político-social do sujeito em marcação de seu pertencimento a sociedade e compreensão crítica de seu mundo. Delineamos assim o questionamento desse estudo, na forma como se conduz o olhar sobre os enredos midiáticos e suas possíveis relações no processo de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal, esse estudo tem como objetivo analisar os discursos que remetem a contribuição dos enredos midiáticos em relação ao processo de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, inculcando valores a sua subjetividade e emancipação. Almeja-se, com o objetivo proposto, desdobrarmos como procedimento metodológico, um levantamento bibliográfico, relacionando princípios fundamentados em metodologias que contribuem para o aprendizado e o processo de alfabetização e, unificado a essa metodologia, nos debruçamos sobre os embasamentos teóricos dos pensamentos bakhtianos com o olhar sobre a alteridade, a constituição do sujeito na e pela linguagem, o conceito de acabamento, assim como a conscientização e emancipação encontrando as linhas do pensamento Freireano. Com isto, acreditamos em uma escola e educação que instituem a transformação do indivíduo, agregando os valores midiáticos como forma de aprendizado no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização, Contribuições Midiáticas, Educação de Jovens e Adultos, Educação.

Abstract: Literacy is one of the processes with the greatest emancipatory value for the subject in marking his belonging to society and his world. In this way, we outline, as a question of this study, how to look at the media storylines and their possible relations in the literacy process of Youth and Adult Education (EJA). To this end, this study aims to analyze the speeches that refer to the contribution of media storylines in relation to the literacy process of Youth and Adult Education, instilling values in their subjectivity and emancipation. In order to aim at the proposed objective, we have developed a bibliographic survey as a methodological procedure, relating principles based on methodologies that contribute to learning and the literacy process. Thus, unified with this methodology, we look at theoretical foundations to Bakhtin thoughts with a look at alterity, the constitution of the subject in and through language, the concept of finishing. Such as awareness and emancipation found the Freirean lines. With this, we believe in a school and education that institute the transformation in the subject, adding media values as a way of learning in the literacy process.

Keywords: Literacy, Media Contributions, Youth and Adult Education, Education.

¹ Doutorando em Educação Escolar - Unesp FCLAr Araraquara/SP. Professor de Marketing - Etec Dans / Fatec Araraquara/SP, adautomkt@hotmail.com

² Pós-graduando em Docência do Ensino Superior e Educação de Jovens e Adultos - Faculdade Venda Nova do Imigrante - Santo André – SP. Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Anhanguera de Santo André – SP - Gestor e docente na Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, alextrajano95@gmail.com

Introdução

A alfabetização se constitui como um dos processos de maior valor emancipatório, sócio-político do sujeito em marcação de seu pertencimento a sociedade e compreensão crítica de seu mundo. Entretanto, o processo de alfabetização como uma prática na Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio de enredos midiáticos, pode disseminar novas formas e linhas de ensino que constroem o aprendizado e o conhecimento.

Desta forma, delineamos o questionamento desse estudo, frente como se conduz o olhar sobre os enredos midiáticos e suas possíveis relações no processo de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Portanto, o referido estudo tem como objetivo analisar os discursos que remetem a contribuição dos enredos midiáticos em relação ao processo de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, incutindo valores a sua subjetividade, conscientização e emancipação.

A importância de que se reveste esse estudo refere-se ao enriquecimento que as novas tecnologias unificadas aos enredos midiáticos podem incutir no processo de alfabetização de Jovens e Adultos. De tal modo contributivo e valorativo aos estudos e aprendizado desse público, tal como uma melhor desenvoltura com a atualidade de mercado e novas diretrizes presentes na sociedade.

Materiais e Métodos

Para almejar e contemplar o objetivo proposto, desdobramos como procedimento metodológico um levantamento bibliográfico, relacionando princípios fundamentados em metodologias que contribuem para o aprendizado e processo de alfabetização. Para tal, unificado o conceito de acabamento, a essa metodologia, nos debruçamos em embasamentos teóricos aos pensamentos bakhtianos com o olhar sobre a alteridade, a constituição do sujeito na e pela linguagem. Tal como o diálogo em Bakhtin (1997 e 2010) como também um instrumento de conscientização, libertação, transformação e emancipação, encontrado às linhas de vários estudos de Freire, esse que por sua vez propunha uma educação humanizadora e solidária, por meio da troca e construção de conhecimento.

Idealizam assim, os autores, a consciência do sujeito como um pilar da educação. Simultaneamente, a alfabetização se fazendo como uma parte do processo educacional, e a consciência, como um primórdio da alfabetização, sendo e se construindo de formas “inseparáveis”.

Assim, alicerçam um mesmo percurso teórico e metodológico frente à formação escolar, à luz da conscientização e de uma alfabetização dialógica. Com isso, os princípios bakhtianos e freireanos permitem uma concepção aos conceitos de produção dos discursos, alteridade, lugares e significados que interferem no conhecimento produzido, pois a palavra em si carrega conteúdos ideológicos, existenciais e epistemológicos.

Com esse parecer, abrigamos também de forma contributiva o pensamento dos autores: Barreto (2005), Bakhtin (1997, 2010), Brasil (1988, 1996, 2000), Freire (1980, 1987, 2001a, 2001b e 2008), Gadotti (2012), GEGe (2009 e 2011), IBGE (2018), Klein (2002), Moran (2013), Silva (2010), Soares (2014), Tedesco (2004), entre outros, que nos transmitem bons e confluente fundamentos sobre a alfabetização e seu movimento emancipador, tal como a contribuição e o entrelaçamento midiático no processo de alfabetização.

A seguir, apresentamos raízes teóricas que fundamentam o processo de alfabetização como uma prática social na Educação de Jovens e adultos (EJA), com embasamentos teóricos que reflitam tal cenário no contexto histórico do país.

Resultados e Discussão

O processo de alfabetização como uma prática social-emancipadora na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Considerada como um processo de aprendizagem, no qual se dá o desenvolvimento da habilidade de ler e escrever, a alfabetização possibilita que se utilize essa habilidade como um código de comunicação no meio social em que se vive e deve ser iniciada nos primeiros anos de vida, sendo que, tal fato, não garante que isso ocorra com todas as pessoas.

Quão importante seria, antever um futuro em que todos tivessem acesso e reais possibilidades de terem uma boa educação desde a mais tenra idade, mas, enquanto esse amanhã ainda seja algo remotamente impensável, a figura do educador que hoje se dedica à alfabetização de adultos é imprescindível e venerável.

Por essa razão, o processo de alfabetização é muito importante na vida cotidiana de uma pessoa, pois lhe permite desvendar por meio da leitura e da escrita, os códigos e os símbolos que o cercam em seu dia a dia e também interpretá-los para dar significado e sentido à sua prática social; e independente dos motivos frustrantes que a privaram de se escolarizar no tempo adequado, certamente não lhe será usurpada a satisfação quanto à realização de um sonho há muito acalentado.

A humanização de sua formação deverá ser levada em conta como um ideal, e até mesmo, por que não dizer? Como um troféu, uma premiação, um mérito que será incutido em seu espaço social e marcado em sua subjetividade.

Com o passar dos anos e a necessidade de cada geração, muitos conceitos foram atribuídos à alfabetização, pois conceitos são elaborados e/ou construídos a partir da realidade e contexto aos quais estão inseridos em cada época.

Não existe um “conceito acabado” sobre as coisas, na medida em que podemos com elas estabelecer, a qualquer momento, novas relações. No entanto, isto não nos pode levar a afirmar que às coisas não se atribuem conceitos determinados, definidos, exatos, pois, no interior de uma dada relação humana, uma coisa é aquilo e somente aquilo que essa relação determina. No interior daquela relação, o conceito é dado, acabou e imutável. A mudança do conceito decorre da mudança na relação que o homem estabelece com o objeto; portanto, não é o conceito, o conhecimento que muda por si mesmo: as relações do homem com as coisas mudam e, a partir dessa mudança, como expressão mesma dessa mudança, os conceitos mudam (KLEIN, 2002, p. 69).

Por este conceito, que aos olhos de Bakhtin (1997) o sujeito sempre confere um acabamento provisório, mas não como um ser em sua total plenitude de acabamento, conclusivo ao olhar do Outro, mas sempre em processo de estabelecer novas relações, aprendizados e entre outros elementos.

Indubitavelmente os conceitos nos fazem refletir sobre a alfabetização, a fim de que venhamos a perceber que não há uma homogeneidade conceitual e, a partir dessa concepção, os caminhos que a alfabetização vai delineando socialmente em cada época, para cada povo e civilizações.

Para Soares (2015, p.15) “[...] alfabetização, em seu sentido próprio, específico: é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.” Sendo assim, é possível entender como alfabetizado todo aquele sujeito que escreve e lê. Todavia, não basta somente saber ler e escrever, ou seja, codificar e decodificar símbolos precisa ir além, saber interpretar e fazer uso racional desse processo.

Em outra perspectiva crítica de educação, no que concerne à alfabetização:

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, apud GADOTTI, 1991, p. 68).

Desta maneira, na visão de Paulo Freire, o processo de alfabetização ocorre após o indivíduo desenvolver a capacidade de realizar uma “leitura de mundo”, que precede à leitura da palavra, que não se restringe somente ao processo da escrita e leitura, pois mostra outros horizontes, fazendo com que esse indivíduo seja capaz de compreender, interpretar, analisar, debater, discutir, interagir, formular, reformular, assimilar para que seja participativo. Este olhar concerne o dialogar e contracenar de forma direta das manifestações culturais, sociais, étnicas, raciais, religiosas, políticas e econômicas, que lhe vai gerar uma boa conscientização, resiliência, empatia, espírito democrático, compreensão e postura política-argumentativa, para que tenha um posicionamento crítico-racional e se torne capaz de tomar decisões e influenciar o seu meio social e cultural.

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador (FREIRE, 1979. p.72).

O alfabetizando é o protagonista do seu próprio processo de ensino e aprendizagem e o professor é o mediador, que tem como dever e missão contextualizar e articular de maneira significativa e participativa esse processo, levando em consideração a bagagem cultural que cada sujeito traz consigo, transformando esse momento bastante importante, instigante e atrativo, fazendo com que o educando seja capaz de formular, reformular, conceitualizar, refletir, agir, ressignificar, interagir e construir uma postura de autonomia pesquisadora, questionadora, crítica, conscientizadora, não apenas recebendo passivamente o que lhe é proposto, mas construindo ativamente, por meio do diálogo, o saber.

[...] o homem vai dinamizando o seu mundo a partir destas relações com ele e nele; vai criando, recriando; decidindo. Acrescenta algo ao mundo. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é o jogo criador destas relações do homem com o mundo o que não permite, a não ser em termos relativos, a imobilidade das sociedades nem das culturas (FREIRE, 2008. p. 64).

É no ouvir, e no diálogo, que se constrói uma aprendizagem significativa. Segundo Freire (1985, p. 125), “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecerem e desvelarem a realidade criticamente”, e:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens, o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980. p. 82).

O diálogo humanizado, com um olhar alteritário e afetivo, possibilita a troca de conhecimentos, numa relação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno, rompendo dessa forma, os paradigmas de uma educação bancária, chamada assim por Paulo Freire, que discorre sobre:

Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam Sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p. 33).

Apesar de ser um processo imprescindível e essencial, infelizmente, nem todas as pessoas tiveram a oportunidade de frequentar uma escola na idade própria. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 2018, no Brasil, cerca de 11,3 milhões de pessoas acima dos 15 anos de idade são analfabetas por inteiro, ou seja, não sabem ler e/ou escrever, isso significa quase 6,8% da população.

Durante um longo período, o analfabetismo foi e é uma triste realidade presente na vida de milhões de brasileiros que vivem no anonimato e na escuridão, por não saberem decifrar e interpretar o mundo escrito que os rodeia, tampouco gozar de seus direitos e deveres como cidadãos.

A fim de corrigir essa desigualdade social, no decorrer dos anos foram criadas Campanhas de Alfabetização, destinadas para Jovens e Adultos.

É fundamental ressaltar que para falarmos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), também falamos de Educação Popular (EP) do país, uma vez que se trabalha a cultura, as lutas e as conquistas do seu povo no decorrer dos tempos e estas fizeram com que a EJA alcançasse a dimensão política e a legalidade, considerada, por justiça, como uma modalidade de ensino, graças aos movimentos populares.

A Educação de Adultos, virando Educação Popular, tornou-se mais abrangente. Certos programas como alfabetização, educação de base em profissionalização ou em saúde primária são apenas uma parte do trabalho mais amplo que se sugere quando se fala em Educação Popular. Educadores e grupos populares descobriram que Educação Popular é sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. (FREIRE, 2003, p.16 apud BARRETO, p. 44 e 45, 2005).

Partindo desse pressuposto, não convém separar as manifestações de educação, pois unidas elas se completam e se constituem, ganhando vida e resiliência.

A Constituição Federal Brasileira (CF) de 1988 traz princípios que toda e qualquer educação visa, ou seja, o pleno desenvolvimento do sujeito, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho. Em seu artigo 205, declara: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Como podemos observar, está preconizado na Constituição, o direito, a educação. Porém, para que essa educação seja emancipatória e libertadora há que se ter cuidado com a qualidade do ensino ministrado a fim de proporcionar-lhe uma leitura questionadora do mundo, e assim se processará uma ideal transformação da realidade tornando-o autônomo e consciente dos seus atos.

Em 1996, com a aprovação da Lei 9.394 - Diretrizes e Bases da Educação Básica Brasileira (LDB), a Educação de Jovens e Adultos passa a ser uma modalidade de ensino, legitimado por meio da referida lei que rege a matéria educacional no país e é assegurada no artigo 37:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018).

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008).

Portanto, conforme as leis citadas, o Estado tem o dever de proporcionar e fomentar projetos de educação voltados para esse público, de maneira que contemplem aqueles que não tiveram a oportunidade de se escolarizar na idade própria, oferecendo-lhes assim, uma melhor condição de vida e promovendo sua inserção social, por meio de um processo educacional.

Há que se saber que, pelas inúmeras necessidades pelas quais passaram esses indivíduos, valorizarão e muito, essa oportunidade, onde, educandos e educadores terão um ímpar e recíproco aproveitamento durante sua gestão educacional, em que uns aprendem e outros ensinam pautados num mesmo compromisso de realização e sentimentos de justiça e gratidão.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais 2000, para a EJA, essa modalidade deve desempenhar três funções, indo ao encontro de:

Função reparadora: não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado – o direito a uma escola de qualidade –, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Mas não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimento. Para tanto, é indispensável um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alunos jovens e adultos.

Função equalizadora: relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pela qual os bens sociais são distribuídos tendo em vista maior igualdade, dentro de situações específicas. Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura.

Função qualificadora: refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não-escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2000).

A Educação de Jovens e Adultos deve olhar para muito além do mecanismo do ato de ler e escrever, e ser uma educação significativa e consciente, conforme Freire: “A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objetivo cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIREa, 2001, p.30).

É importante que todo indivíduo envolvido no processo de ensino e aprendizagem, seja capaz de desenvolver habilidade e competência para aplicabilidade no mundo ao qual está inserido e de maneira autônoma, crítica, pesquisadora e questionadora participe de forma ativa, efetiva e eficiente junto à sociedade, na constante busca de construir um mundo melhor para que seja valorizado em suas peculiaridades.

Freire (1980) confere que o diálogo é o encontro entre os homens, sendo mediatizado pelo mundo, o dizer de palavras, o chamar de mundo, as transformações, interpondo significados que conferem o diálogo como uma necessidade existencial.

Para tal, o GEGe (2009) destaca o caráter dialógico da linguagem como um ato desdobrado e amplamente reafirmado, relacionando que o discurso é condicionado para um contexto já construído por discursos de outrem, há um já-dito e uma resposta que se conduz de forma antecipada frente aos interlocutores.

Com este parecer, aos pensamentos bakhtinianos, o sujeito se constitui nos signos, em sua existência, nas criações da linguagem, dos quais se enlaçam na sociedade em que pertence, o sujeito então, também se constitui na e pela linguagem.

Para GEGe (2011), no acompanhamento nas linhas de pensamentos e contribuições bakhtianas, a voz dita em Bakhtin reflete na constituição de maneira dialógica em relação ao pensar no e sobre o mundo, tal como a vida e a linguagem. A totalidade é articulada e construída na relação, principalmente ao que se equipara na relação entre o Eu e o Outro, ou seja, a alteridade.

Freire (1980) dinamiza o diálogo humanizado, com a visão alteritária e afetiva, possibilitando a troca de conhecimentos, na relação educador-educando, educando-educador e educando-educando, no rompimento de paradigmas de uma educação bancária. Para tal, podemos trazer aqui tais fragmentos da fala de Freire (1980) no entrelaçamento de princípios bakhtinianos ao que se confere ao processo de relação, da alteridade.

No grande campo conceitual, a reflexão se relaciona no processo de constituição da identidade do sujeito, assinalando visões, opiniões, consciência e vozes para com o mundo, estas se desdobram e se constituem de maneira que reformulem conceitos frente a relações dialógicas, valorativas e contributivas para com o Outro.

Com este pensamento, a alteridade se apresenta como um processo de construção que reflete e possibilita na construção da identidade e emancipação do sujeito. Portanto, uma das grandes palavras que refletem essa questão em pensamentos bakhtianos, se equipara na “relação”. Ou seja, o processo de alfabetização também se dá na relação do Eu para com os seus pares, na relação com o discurso de outrem, na alteridade, na linguagem viva e na consciência. Aos olhos de Bakhtin (1997), eu apenas existo, pertencço ao mundo e me constituo como sujeito a partir da relação com o Outro, sendo esses contextos elencados em desdobramentos, olham para suas relações.

Nessas trajetórias que refletem as experiências, são conferidas a partir da alteridade, disseminando um acabamento no processo construtor identitário do eu-sujeito e o eu-coletivo. Assim, se faz necessário o parar e ouvir, a disposição, tal como o tempo e espaço, uma conferência do Outro como parte da construção do meu Eu, na elaboração das experiências de vida. Contudo, esse não é um ato fácil, para isso é necessário nos despirmos dos nossos anseios e preconceitos, bem como de algumas concepções culturais, acreditando que não somos donos da verdade, intencionando a nossa capacidade de nos elevar a outras conjunturas sobre verdades e nos permitir a aprender com o outro e apreender (GEGe, 2011).

Com a percepção bakhtiniana, a alteridade constitui a subjetividade, no olhar que para o sujeito se constituir, precisa do Outro, em sua relação e interação, que também lhe transmite a compreensão de si mesmo. O sujeito está em constante processo de constituição, aprendido e mediante a relação na qual se equipara ao Outro, por isso os sujeitos são sempre inconclusos (GEGe, 2011).

A alteridade delinea o ser humano, na consideração da relação sua para com o Outro, num cenário dialógico, responsivo e focado nessa alteridade, em que se permeia, por vários preenchimentos de perspectivas, o enlace e busca da conclusibilidade de sentidos, identidades, subjetividades e de diversas relações inacabadas.

Sendo assim, a alfabetização também se constrói como um viés para a construção da postura cidadã-política em concordância, o caminho da inserção e/ou reinserção do indivíduo a sociedade, possibilitando-lhe ampliar sua visão crítica do mundo em todos os aspectos, bem como sua humanização no trato e solidariedade para com as pessoas, homens e mulheres, tudo isso firmado no amor, sobre o qual discorre Paulo Freire (1987, p. 45), “[...] se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”.

Levando em consideração que a educação é um fenômeno que sofre constantes mudanças e transformações sociais, políticas, culturais e econômicas, remodelando-se e adaptando-se às necessidades de cada geração com os constantes avanços da tecnologia, é com certeza influenciada diretamente, necessitando que os professores se adequem a essa realidade e tornem a sua prática pedagógica atrativa e dialógica, por meio dos aparatos tecnológicos da modernidade, sem que com isso se perca a sua essência, ou sejam esquecidas as suas primordiais raízes.

As contribuições dos enredos midiáticos na alfabetização da EJA

Atualmente, a mídia desdenha entre vários vínculos e laços na sociedade, sejam estes laços sociais, culturais e educacionais. O universo midiático promove um entrelaçamento que conecta os sujeitos em mundos diferentes, permite a aproximação de pessoas distantes e gera aspectos comunicacionais e informativos em diferentes contextos.

Assim, a mídia está inserida nos elementos existenciais e subjetivos da humanidade. Porém, como o círculo midiático pode contribuir com o processo de alfabetização da EJA (Educação para Jovens e Adultos)?

Verificamos que neste compasso existe uma relação de troca, neste âmbito, nos referenciamos em relação à vontade do jovem e adulto em se alfabetizar e estar inserido no

mundo midiático, como também as funções midiáticas na atualidade frente a um despertar e contribuição para o processo de alfabetização desse mesmo público.

Os enredos midiáticos, se utilizados e unificados ao processo de alfabetização destes jovens e adultos, contribuirá para a inserção desse mesmo sujeito para o seu entendimento frente aos dispositivos midiáticos, dos quais hoje se fazem presentes em vários contextos sociais. Este ato compreende também na inserção do indivíduo para uma socialização midiática e pertencimento deste mesmo universo junto ao seu processo de alfabetização.

Além do papel midiático possivelmente exercer melhorias para o processo de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos, este também oferta fundamentos e bases que emancipam o sujeito em processo de aprendizagem, trazendo luz, notoriedade e fundamentação para ricos contextos que elencam o entendimento desse sujeito em relação à mídia-educação.

Estes princípios podem abrigar o conhecimento compreendido na escola com a realidade social em que este sujeito convive. É preciso um olhar compreensivo, do qual a escola se transborde em um simples espaço que transmite aspectos informativos e de conhecimento. É necessário que a escola dissemine em seu campus as competências e habilidades consideradas como valorativas para a sociedade e o mercado atual. Não somente com objetivo de preparar o sujeito para o ato de ler e escrever, o que se conduz como extrema importância, mas também o preenchendo com elementos que preparem o mesmo para a vida em seu contexto social, cultural e educacional.

Com este fundamento, a Educação alfabetizadora deve também observar e trazer para o seu cenário escolar, as novas exigências culturais e sociais, incorporando-as para o seu papel educativo e construtor da subjetividade do indivíduo, respeitando a sua peculiaridade.

Assim, o uso dos aparatos midiáticos pode ser considerado grandes ferramentas em relação ao processo de aprendizagem na escola, refletindo em qualquer modalidade de educação.

Elencamos os aspectos que condicionam a inclusão digital à luz do pensamento de Paulo Freire (2001a). Com a leitura de pilares que refletem o uso da internet na resolução de tarefas cotidianas, aproximando os educandos das redes on-line, muitos destes sujeitos marginalizados em condições econômicas e sociais, indivíduos desfavorecidos em momentos de sua vivência. Neste patamar, o processo de inclusão também pode estar às formas de acesso à internet. Em outras palavras, a exclusão digital pode ampliar a exclusão cultural, social e educacional.

Na concepção de premissas freireanas que se enquadram na educação emancipatória, transpassa a consciência de que somos seres inconclusos, correspondendo à rapidez e velocidade das inovações midiáticas e tecnológicas, refletindo no processo de construção da

identidade dos indivíduos no reflexo intersubjetivo interligado, por exemplo, com os meios de comunicação, como a internet (SILVA e BURGOS, 2010).

De forma similar, Silva e Burgos (2010) abrigam o conceito de acabamento ao pensamento bakhtiniano, este é concedido ao que o Outro dá a mim, na visão e posição em relação à condição do que o Outro confere a mim, no jogo de valores refletindo como elementos que se completam de forma provisória, em processos intransitáveis e transversais. Ou seja, o acabamento se equipara de maneira provisória como o meu Eu convive em uma sociedade com os outros, se modificando até que o meu Eu se confira a outra alteridade.

Para tal, Bakhtin (1997) faz luz a um tipo de sujeito que é refratário a qualquer acabamento interno, incorporando sua própria narrativa de vida, mas também sempre a superando. É um movimento de sujeito refratário em qualquer acabamento interno, nos laços que superam tudo o que vier a determinar sua totalidade ou construído como inadequado para o seu Eu. Portanto, o sujeito ao pensamento bakhtiniano, é um sujeito infinito, este está sempre a se renovar, modificar e sempre a conduzir novas formas e linhas de acabamento.

Com isso, o educando em Bakhtin (1997) também é um sujeito com voz ativa e participante de seu processo subjetivo e emancipador na construção que se dá por meio da linguagem e no diálogo refratado na relação Eu e Outro.

A introdução do educando no âmbito virtual permite que o mesmo contemple sua voz ativa, sendo ele autor e autônomo de seus atos, mesmo que seja de maneira condicionada, suas formas de escolhas e pesquisas, no esforço de suas leituras (ainda em processo de alfabetização), este sujeito é o protagonista no desejo de seu aprendizado, em linhas que vão além do espaço educacional e também do simples uso das tecnologias e mídias.

Ressaltamos também, que em reflexão ao contexto social e sua exigência no que se refere às tecnologias e mídias, essas não somente modificam as condutas, a vivência, as formas de se relacionar e entre outras. Contudo, deve ocorrer um equilíbrio que abriga o uso das formas antigas de ensino e, também, as novas formas que abrigam as tecnologias e as mídias, interpondo um bom convívio e relacionamento no ambiente educacional.

Este equilíbrio equipara-se na não reprodução de uma exclusão digital e tão pouco uma exclusão social dos sujeitos em processo de aprendizagem. Porém, confere-se no intuito de permitir o acesso e entendimento da Educação de Jovens e Adultos em relação às novas plataformas que compreendem as tecnologias e as mídias na sociedade.

O educador e seu conhecimento midiático

É preciso considerar a realidade da inclusão digital que também não somente se aplica aos sujeitos educandos, mas que também se conferem aos educadores. Neste olhar, os professores também devem estar harmonizados com o uso da tecnologia unificada as funções midiáticas nas diretrizes de suas condutas do processo de ensino e aprendizagem que conduzem as linhas da alfabetização.

Esse círculo de contextos tecnológicos e midiáticos, sem uma doutrina e compreensão de docentes, pode conferir em laboratórios de informática fechados e ausência de objetivos claros que movimentem o uso de tais fundamentos midiáticos no ambiente escolar. Para que isso não ocorra, deve se fazer necessária a capacitação de docentes em relação ao uso das tecnologias e ferramentas midiáticas, como também uma forma do docente se sentir seguro ao utilizar determinado fundamento.

Entretanto, essa não conduz como uma tarefa fácil, este aprendizado pode levar tempo, não se presumindo em apenas rápidas e poucas capacitações pedagógicas que entrelaçam esses contextos. Pois aos pensamentos freireanos, o ato de ensinar não se confere somente na transferência do conhecimento, mas em criar possibilidades que gerem sua produção e/ou sua construção.

Para Tedesco (2004), leva de três a quatro anos para uma desenvoltura e integração favorável das mídias e tecnologias e seu entrelaçamento com o trabalho do docente, especialmente quando os docentes não usufruem e conhecem as mídias e tecnologias em sua vida diária e acadêmica.

Assim, quando ocorre a segurança e domínio do educador em relação ao uso destes aparatos, a didática e planejamento se tornam mais fáceis e aplicáveis, conferindo em objetivos mais precisos e que enriquecem o conhecimento dos educandos. Com este olhar, interpomos que um maior investimento do governo em relação a essas capacitações que fazem luz a mídia-educação, poderiam contribuir para o processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos.

Outros fundamentos que se aparecem como fatores dificultosos da introdução e aplicação midiática no enredo escolar da EJA, correspondem no olhar tradicional que a estrutura da EJA possui. Alguns sujeitos idealizam que só porque essa modalidade de ensino se constitui por um público de alunos mais adultos e/ou sujeitos da terceira idade, não há aspectos que devam ser considerados para agregar os princípios midiáticos e recursos tecnológicos no enredo da sala de aula. E infelizmente, definem somente o foco de uma educação voltada para a alfabetização ou de ensino referenciando o básico até o alcance do diploma.

Com essas formas de pensar, o investimento e olhar atencioso perante a estes sujeitos, é pouco, tal como a implementação de recursos tecnológicos e funções midiáticas no encontro de metodologias ativas conferidas ao docente frente a este método de ensino.

Com isso, demonstramos a luz do reconhecimento que a educação não se faz somente dentro dos muros escolares, delineamos uma educação que se transborda e oferece linhas de valores em vários âmbitos. Nesse olhar, não há somente única, e tão única forma de se aprender, mas sim formas e vertentes que levam o aprendizado.

Nessa consideração, pertenceria ao docente por meio de reconhecíveis capacitações que lhe geram alicerce para tal, conduzir instrumentos tecnológicos e midiáticos de forma transformadora e segura, contribuindo para a formulação do conhecimento e construção subjetiva do sujeito educando, despertando também maior interesse dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Assim, a apropriação do letramento digital pelo educando é um fator que condiciona o uso das mídias no enredo da sala de aula, no encontro de verdadeiras mudanças pragmáticas.

Frente a qualquer ocasião, leitura ou sujeito, podemos adquirir alguma valiosa informação e/ou experiência que nos pode servir como grande ajuda na ampliação de nosso conhecimento, na confirmação ou não do que já sabemos. Com isto, um dos grandes desafios do educador confere-se na ajuda de condicionar essa informação de forma significativa, aferindo suas escolhas em informações verdadeiramente importantes para as possibilidades que abrigam o processo de aprendizagem, compreendendo-as de forma abrangente, profunda e agregando ao nosso referencial (MORAN, 2013).

Neste concerne, muitos dos saberes midiáticos já são trazidos pelos educandos, se assinalam a educação e luz do pensamento de Paulo Freire objetivada para os sujeitos da EJA, no princípio sempre que os conhecimentos adquiridos podem elevar a assimilação dos letramentos.

Nessa breve contextualização, trazemos elementos que refletem bem mais sobre um assunto de investir em recursos midiáticos e/ou tecnológicos no círculo escolar, é preciso uma melhoria na qualidade de ensino da EJA, trazer a luz que prioriza uma reflexão frente às dificuldades que a mesma enfrenta no cenário atual.

Com este parecer e de forma prioritária uma modificação da consciência e diretrizes por parte do governo e dos docentes, no encontro de uma educação que transborde, mas também seja igualitária. Com o olhar atencioso para as questões sociais que abrigam enredos tecnológicos e midiáticos, confinando fundamentação e embasamento para esses alunos em

relação ao seu local na sociedade e preparo ao mercado de trabalho que está cada vez mais rápido e evolutivo.

Conclusão

Neste momento, partimos para algumas considerações finais frente ao entrelaçamento teórico unificado a nossas linhas de pensamento sobre o estudo aqui apresentado.

Com este cenário, apresentamos aqui um estudo associado a ricas teorias, dos quais disseminaram por meio de seu entrelaçamento, um olhar referente aos enredos midiáticos e suas possíveis relações no processo de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos.

Para tal, alcançamos o objetivo proposto, analisando e argumentando de forma criteriosa e com propriedade os laços que regem a contribuição dos enredos midiáticos frente ao processo de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, dispendo de valores subjetivos, dialogados e se sua emancipação.

Delineamos aqui que este estudo se compartilhe e amplie para novas visões e vertentes sobre tais temáticas que se fazem reflexivas, educativas e emergentes no cenário atual da sociedade e educação.

O intuito neste momento é de desdobrar, fazer expandir os diálogos, vozes e discursos que analisem e tenha um olhar minucioso sobre o processo de alfabetização, tal como a inserção dos enredos midiáticos neste mesmo processo que enriquece culturalmente, socialmente e de forma educacional o sujeito inserido na EJA.

Por fim, acreditamos em uma escola e educação que instituem a transformação no sujeito, tal como novos processos educativos que possam vir a complementar e conduzir novos princípios e pilares que agreguem diretrizes contribuintes para o processo de alfabetização e sua aprendizagem no âmbito escolar.

Uma educação libertadora, transformadora, conscientizadora, crítica, argumentativa e emancipadora, implica diretamente no sistema, que muitas vezes ocasiona a dependência, a exclusão, a opressão e a injustiça, e se constitui numa ameaça para aqueles que detêm o poder e querem o domínio sobre a grande massa, onde se fortalece e alimenta a ideia de que o pobre, seja cada vez mais pobre e o rico, cada vez mais rico, ocasionando a submissão dos pobres, privando-os do direito a vez e voz perante as injustiças, desigualdades e preconceitos sofridos no cotidiano, em sociedade, num paradoxo que contraria os princípios básicos e gerais que costumam orientar o pensamento humano.

Um dos grandes desafios que a educação, por meio de seus educadores, conscientes e formadores de opiniões tem, para romper e amenizar a alienação, ou falta de comprometimento é instigar e transcender nos homens a sua essência humana e solidária, na busca da transformação social, almejando uma sociedade mais justa e igualitária para com todos e todas.

Agradecimentos

Agradecemos aos nossos educandos e, também, aos nossos educadores pelo rico e precioso conhecimento a que nos deram acesso, contribuindo para que nossa essência se tornasse cada vez mais próxima dos processos educacionais.

Referências

BARRETO, S.N. **O processo de alfabetização no MOVA RS: narrativas e significados na vida de mulheres.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Fundação Universidade de Rio Grande, Rio Grande, 2005.

BAKHTIN, M.M. 1895-1975. **Estética da criação verbal.** [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. - 2ª ed. —São Paulo Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior)

BAKHTIN, M.M. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, D.F.** 05 out. 1988 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 12 abr. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, D.F.** 23 dez. 1996. Art. 37. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 14 abr. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº1, de 05 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** 19ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2001b.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos**. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001a.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **The politics of education: culture, power e liberation**. Westport, CT: Bergin e Garvey, 1985.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, M. **Alfabetização e Letramento: Como negar nossa história**, 2012. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2388/3/FPF_PTPF_13_048.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e Contrapalavras: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: procurando outras leituras com Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, 116 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**, 2018. [online]. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

KLEIN, L.R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar**. São Paulo: Cortez, 2002.

MORAN, J.M. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2013.

SILVA, A.C.; BURGOS, M.P. Inclusão digital na EJA - trilhando os caminhos da autonomia. In: **I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de educação de jovens e adultos**, 2010, João Pessoa: Editora Universitária, 2010. Disponível em: <<http://www.catedraunescoej.org/GT12/COM/COM012.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2020

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6 ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014.

TEDESCO, J.C. **Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Editora Cortez, 2004. 255 p.